



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS SÃO BERNARDO
CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS/MÚSICA

JULIO COSTA DOS SANTOS

GRUPOS DE SAMBA/PAGODE DO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE

Uma breve história sobre músicos e grupos desse gênero musical na região.

São Bernardo/MA
2019

JULIO COSTA DOS SANTOS

GRUPOS DE SAMBA/PAGODE DO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE

Uma breve história sobre músicos e grupos desse gênero musical na região.

Trabalho de conclusão do curso de licenciatura em
Linguagens e Códigos/Música orientado pelo Prof.
Raimundo João Matos Costa Neto.

**São Bernardo/MA
2019**

Índice catalográfico

JULIO COSTA DOS SANTOS

GRUPOS DE SAMBA/PAGODE DO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE

Uma breve história sobre músicos e grupos desse gênero musical na região.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Raimundo João Matos Costa Neto. (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão/MA
Campus de São Bernardo

Prof. Edílson Fonseca Gusmão

Universidade Federal do Maranhão/MA
Campus de São Bernardo

Prof.^a. Pâmela Cristiana de Almeida

Universidade Federal do Maranhão/MA
Campus de São Bernardo

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus.
Dedico a todos meus amigos que sempre me
ajudaram e acreditaram em minha capacidade;
a todos professores que me ajudaram nessa
longa caminhada; à minha mãe e meus irmãos.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, sou muito grato por tudo que acontece em minha vida, por estar sempre iluminando o meu caminho, me dando sabedoria, paciência e saúde.

À minha mãe Francisca Maria Silva Costa, que sempre me manteve no caminho certo. Ao meu pai Manoel Lopes dos Santos que infelizmente já não está entre nós. Aos meus irmãos Antônio, Mateus, Gabriel, Maria Andréia e Rita, sou grato pelo cuidado, amor e incentivo ao longo dessa longa jornada acadêmica.

Agradeço também ao meu orientador professor Raimundo João Matos Costa Neto pelo incentivo, dedicação, amizade e todo conhecimento que foi transmitido durante a execução da minha pesquisa e que apesar de tudo, continuou me orientando, pressionando e incentivando até a última semana. Sou grato também ao professor Paulo Rios.

Agradecer também aos músicos que cederam seu tempo para que eu pudesse entrevistá-los.

O samba é um gênero que tem uns braços tão longos que abraça toda a nação brasileira.

Rildo Hora

RESUMO

Este trabalho trata de um breve estudo do contexto musical em que se encontra o samba/pagode na microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense, focando na trajetória de bandas e personagens importantes nesse cenário. Esta pesquisa também mostra uma breve história do samba e alguns comentários sobre as transformações ocorridas neste gênero musical na década de 70, fazendo surgir o pagode e o pagode romântico. Segue-se então com a pesquisa sobre dois grupos formados na região, Sem Querer e Pagodão Por Acaso. Este estudo baseia-se principalmente em uma longa pesquisa bibliográfica e entrevistas realizadas com músicos dos dois grupos.

Palavras-chave: Samba, Pagode, Baixo Parnaíba Maranhense

ABSTRACT

This paper deals with a brief study of the musical context in which the samba/pagode is found in the Baixo Parnaíba Maranhense micro region. focusing on the trajectory of bands and important characters in this scenario. This research also shows a brief history of samba and some comments on the transformations that occurred in this musical genre in the 70's, giving rise to the pagode and pagode romântico. Then follows with research on two groups formed in the region, Sen Querer e Pagodão Por Acaso. This study is based mainly on long bibliographic research and interviews with musicians from both groups.

Keywords: Samba, Pagode, Baixo Parnaíba Maranhense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O SAMBA, O PAGODE E SUAS RAÍZES	9
1.1 AS RAÍZES DO SAMBA	9
1.2 O SURGIMENTO DO PAGODE	12
1.3 O PAGODE ROMÂNTICO	13
2 O SAMBA NO MARANHÃO	16
2.1 O SAMBA NO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE.....	16
3 GRUPOS E ARTISTAS.....	17
3.1 GRUPO SEM QUERER.....	19
3.2 PAGODÃO POR ACASO.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS.....	34

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada ao longo do segundo semestre de 2019. Nela apresento um breve estudo do contexto musical em que se encontra o samba/pagode na microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense, como se deu o desenvolvimento do gênero e a trajetória de bandas e personagens importantes nesse cenário, na microrregião supracitada. Este estudo baseia-se principalmente em uma longa pesquisa bibliográfica e entrevistas realizadas com músicos de dois grupos de pagode da região.

No primeiro capítulo trago uma breve história do samba, comento sobre suas supostas origens e traço uma linha cronológica mostrando como aconteceu sua transformação nos anos 70, apresentando as mudanças que fizeram surgir o pagode e que posteriormente dariam origem ao pagode romântico, nos anos 90.

A principal motivação para a realização deste trabalho foi a minha experiência musical em grupos de samba/pagode. Atualmente sou vocalista do Pagodão Por Acaso, que é um dos grupos pesquisados. Antes de ingressar na vida acadêmica já frequentava rodas de samba e pagode, este contato fez com que viéssemos a formar o grupo posteriormente. Infelizmente em nossa região o samba é pouco valorizado, mas graças aos amantes deste gênero musical, sempre tem alguém que mantém esta chama acesa.

Quando comecei então a cursar uma faculdade de Música tive contato com outras vivências musicais. Nunca tinha me atentado a observar o samba com um olhar mais acadêmico, mas ao traçar esta pesquisa pude observar a importância deste gênero para a história da música popular brasileira. Para desenvolver este trabalho parti da ideia de etnomusicologia na qual pude receber orientação pelo Prof. João Neto. Com base nas ideias de Netti (2005), que define o campo com imensa amplitude, mostrando que o interesse desta área abrange toda a música humana. Este estudo tem como base os métodos e técnicas antropológicas de pesquisa e visa resgatar e registrar os grupos e personagens do samba na microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense.

1 O SAMBA, O PAGODE E SUAS RAÍZES

Neste capítulo faremos uma breve na história do samba, passaremos por suas supostas origens, conhecendo um pouco mais sobre o que dizem os teóricos sobre seus locais e povos formadores. Falaremos também sobre o samba do Rio de Janeiro no início do século XX e a partir daí traçamos uma linha cronológica mostrando como aconteceu sua transformação nos anos 70, apresentando as mudanças que fizeram surgir o pagode e que posteriormente dariam origem ao pagode romântico, nos anos 90.

1.1 AS RAÍZES DO SAMBA

Apesar de ser um gênero resultante das estruturas musicais europeias e africanas, foi com os símbolos da cultura negra que o samba se alastrou pelo território nacional. No passado, os viajantes denominavam batuque qualquer manifestação que reunisse dança, canto e uso de instrumentos dos negros. Esse era então um termo genérico para designar festejos. O sentido amplo permaneceu na literatura colonial até o início do século XX, quando a palavra samba passou a ocupar seu espaço (DINIZ, 2006. p. 16).

Não se sabe ao certo onde o samba surgiu, acredito que este não tem um lugar de origem, pois em sua árvore genealógica percebemos vários elementos de diversas regiões do país conforme veremos no decorrer do trabalho. Mas há sim lugares com fortes influências que acabaram contribuindo fortemente para o surgimento do gênero. Para contar a história do samba destacamos aqui dois: a Bahia e o Rio de Janeiro.

Alguns pesquisadores acreditam que o samba surge na Bahia decorrente da junção de outras manifestações já existentes, como o jongo, o batuque e o cateretê (GUIMARÃES, 1978). Há também os que acreditam que o samba é genuinamente carioca, que este teria surgido a partir das práticas culturais das classes mais baixas da população carioca no início do século XX (TROTТА, 2011). Entretanto percebemos que ambos confirmam o fato de o samba ser produto da mistura de outras manifestações da música negra, dos escravos da época e ter influência de variados lugares, inclusive a Europa.

O período que vai do final do século XIX ao início do século XX no Brasil foi de grandes mudanças políticas. Aboliu-se a escravidão em 1888 e o país se tornou uma república em 1889, entre outros acontecimentos que marcariam o período histórico, como o desenvolvimento dos centros urbanos e o avanço dos ideais nacionalistas que culminaram na primeira guerra mundial.

Embora a gente perceba uma maior participação do povo da Bahia, o que dá ao Rio de Janeiro o título de berço do samba é a representatividade que a cidade tinha na época, visto que esta era a capital do país.

Nessa perspectiva surge então o local que marcaria a criação do gênero, o morro e o subúrbio carioca. Sobre este local Trotta (2006) fala que:

O ambiente comunitário que marcou profundamente a origem do samba no seio da população de baixa renda nos morros e periferias cariocas é até hoje característico de seu imaginário. O convívio cotidiano entre parentes, amigos, compadres e vizinhos se intensificava nos períodos de festas e tinha como marco o carnaval, com a formação de ranchos, blocos e, posteriormente, das Escolas de Samba (TROTТА, 2006. p 62).

Dessa forma o morro e o subúrbio carioca se tornaram um lugar místico, o lugar onde nasce o samba. Mas há de se considerar por quem era formada a população desses morros? Eram, em sua grande maioria, ex-escravos e descendentes de escravos advindos da Bahia e traziam consigo fortes manifestações artísticas, como por exemplo a umbanda, o batuque, o cateretê, a capoeira e o próprio samba de roda da Bahia. Tais manifestações acabaram colaborando com elementos que viriam a compor a raiz do samba. Como afirma Peçanha (2012), o samba de roda do recôncavo baiano é uma das mais fortes influências na constituição do samba carioca em sua primeira fase.

O samba seria resultado de vários fatores e influências que se modificaram com o decorrer do tempo. Como defendem Napolitano e Wasserman (2000) dizendo que o samba era o ponto culminante de várias sonoridades, enraizadas em regiões de povoamento antigo e bases culturais seculares, podemos citar por exemplo o jongo, a capoeira, o samba de roda da Bahia, o candomblé, a umbanda. Estes elementos estão fortemente ligados à ideia de roda:

A roda é importante no simbolismo africano. Ela remete a ideia de ciclo, de algo que não tem começo ou fim por estar disposto circularmente. Essa mesma ideia está contida na tradição cultural africana de diversas formas, como por exemplo, na propagação dos costumes pela tradição oral e no culto à ancestralidade. Esse ciclo representa a união entre o velho e o novo, o antigo e o atual, numa cultura que não estabeleceu seu pensamento sobre a tradição cartesiana-ocidental da contradição, mas sobre a ideia de que essas dimensões não se encontram apartadas e formam, na verdade, uma unidade (PEÇANHA, 2012. p. 2).

O grande marco para o surgimento do samba foram as “rodas de samba”, que com forte simbolismo se tornou a principal referência imagética quando pensamos em samba. Difícil falar de samba sem imaginar uma roda de amigos se divertindo e fazendo música. Não somente no samba como também noutras manifestações advindas do povo negro, como afirma Peçanha (2012):

(...) O Choro, a capoeira, o Samba de Roda da Bahia, a Roda de Samba carioca, o Candomblé, a Umbanda, são apenas alguns exemplos. Com cada manifestação apresentando-a à sua maneira, a roda é traço comum a todas elas, determinando não apenas a dinâmica e o exercício da manifestação, mas tendo também um imprescindível valor simbólico (PEÇANHA, 2012. p. 3).

Logo, a música que é fruto desse povo, fruto da combinação de vários gêneros tocados até então, criada a partir de manifestações culturais de comunidades de baixo poder aquisitivo no início do século 20, majoritariamente formadas por negros e mulatos num contexto ainda fortemente marcado pela ideologia da escravidão, ganhou reconhecimento, passando posteriormente a ser um símbolo nacional (MOURA, 1983).

Entretanto este processo de reconhecimento do samba não se deu dessa forma iluminada, fantasiosa. Tais manifestações eram perseguidas e até proibidas. Muitas autoridades tentaram acabar com o samba desde seu início. O samba era visto como uma música desapropriada para a burguesia da época, visto os locais e por quem era praticado. Uma saída encontrada foi praticar o samba dentro dos terreiros de umbanda, pois, a religião era permitida e os policiais não poderiam intervir nos terreiros para acabar com a música, embora isso muitas vezes tenha acontecido. O principal local de encontro para a prática do samba foi a casa da Tia Ciata, por volta de 1915. Era onde se reuniam os principais sambistas da época, e foi onde surgiu a música *Pelo Telefone*, que foi o primeiro samba gravado em disco a fazer sucesso (MOURA, 1983).

Foi nessa época então que o samba começou a fazer parte dos blocos de carnaval do Rio de Janeiro, como declara Augras:

Do lado dos ricos, havia os préstitos das grandes sociedades, fundadas, em sua maioria, em meados do século passado. Do lado pobre, saíam às ruas ‘blocos’, grupos pobremente fantasiados com apetrechos improvisados, ‘cordões’, agrupamentos de mascarados já mais organizados, e ‘ranchos’ (AUGRAS, 1998. p. 17).

Sendo assim, o samba passou a ser a principal música dos blocos carnavalescos. Foi quando surgiu então o samba-enredo. A Escola de Samba Unidos da Tijuca teria saído com um samba em 1933, em cobertura feita pelo Jornal O Globo. O segundo registro data de 34, feito pela Mangueira. Entretanto a Mangueira não desfilou em 1934. Após o registro de 1934, só encontraremos o próximo samba em 38, de Antenor Gargalhada, da Salgueiro; seguido por Paulo da Portela em 1939 (AUGRAS, 1998).

As escolas de samba se tornaram os núcleos formadores dos novos sambistas e foram gradativamente se modificando, deixando de se basear exclusivamente em pequenas

iniciativas de grupos restritos com condições de materiais limitadas. Se tornando assim, associações institucionalizadas e menos improvisadas (LIMA, 2002). Tais mudanças acabaram por limitar a criatividade dos compositores de samba. Esse aspecto pode então ter contribuído para o surgimento do pagode, enquanto expressão musical.

1.2 O SURGIMENTO DO PAGODE

A palavra pagode significa festa (...) em 1977 começaram as peladas seguidas de pagode no Cacique de Ramos. Numa daquelas quartas-feiras, Beth Carvalho apareceu lá, levada pelo ex-jogador do Vasco Alcir Portela. Os instrumentos novos, o som diferente, o partido-alto de qualidade, tudo despertou o faro de Beth. Depois de durante um ano com a turma e ouvir muitos sambas bons, ela levou tudo, turma e sambas, para o estúdio. O resultado foi “De pé no chão”, um de seus melhores discos (BLANC, VIANNA e SUKMAN, 2004. p. 106).

No bairro de Ramos, no Rio de Janeiro, existe até hoje um bloco de carnaval chamado Cacique de Ramos. Em meados da década de 70 foram instituídos por um grupo de amigos encontros às quartas à noite, após o futebol, sempre com cerveja e muita música. Este espaço era aberto para novos compositores que afastados do mercado fonológico e necessitados de um lugar para mostrar suas produções – antes eram apenas nas escolas de samba – os sambistas se voltam para o ambiente amador e doméstico das rodas de samba, organizadas agora em espaços altamente variados (TROTТА, 2011). Este foi o palco do nascimento do novo jeito de se fazer samba, o pagode.

Aparece novamente a figura mística da roda e acontece um processo muito semelhante ao que ocorreu no surgimento do samba, quando se formou uma comunidade em seu entorno. Sem dúvida, as rodas de samba influenciaram diretamente no desenvolvimento e nas transformações desse gênero, como afirma João Carlos Peçanha dizendo que a roda de samba:

(...) é o lugar para se aprender esses gêneros. Seria o espaço cotidiano onde eles são praticados, ou seja, nas rodas de choro e samba. Isso porque a formação desse artista passa pela vivência de importantes experiências e a aquisição de certos códigos de conduta, os quais só são possíveis apreender nas rodas (PEÇANHA, 2012. p. 3).

Foi nessa época, final dos anos 70, que o samba começou a mudar, o ritmo passou a ser mais acelerado e algumas inovações foram surgindo no samba, pois novos instrumentos foram criados e adicionados ao gênero como o Banjo e o Tantã, enquanto outros instrumentos

foram perdendo espaço. Tais mudanças foram iniciadas pelos músicos que mais tarde formariam o grupo Fundo de quintal:

Para se tocar pagode, foram adicionados instrumentos de percussão como o tantã (pequeno atabaque utilizado para a marcação do tempo forte) e o repique (tambor de timbre agudo tocado através de batidas dos dedos da mão esquerda em seu corpo metálico). Além disso, Almir Guineto colocou na roda o banjo — conhecido instrumento da música country norte-americana — como principal instrumento harmônico, no lugar do cavaquinho (que possuía sonoridade e cordas mais fracas). Se novos instrumentos começaram a ser utilizados, outros mais tradicionais, como o agogô e o reco-reco, perderam lugar devido ao seu som menos intenso (AMARAL, 2018. p. 63)

Sobre a utilização do termo “pagode”, esta criação desse “novo estilo” foi arquitetada por produtores musicais e grandes gravadoras. Cria-se a categoria mercadológica nomeada de pagode em vez de samba. Este termo foi historicamente utilizado por admiradores e frequentadores das rodas de samba para designar o evento social do gênero (TROTТА, 2011).

Esses eventos logo chamaram a atenção das gravadoras que começaram a trabalhar esses grupos, produzindo discos que teve bons números de vendas e boa aceitação por parte do público. Como descreve Amaral (2018):

Na metade da década de 80, o pagode já atraía a atenção do mercado fonográfico brasileiro. Em 1985, após o sucesso do primeiro LP do grupo Fundo de Quintal, Samba é do fundo do quintal, lançado em 1981, a gravadora RGE produz o álbum Raça Brasileira, sob a batuta de Milton Manhães. O disco trazia artistas como Zeca Pagodinho, Mauro Diniz, Jovelina Pérola Negra, Pedrinho da Flor e Elaine Machado. No ano seguinte, Zeca estreava o seu primeiro álbum solo, já com vendas expressivas (AMARAL, 2018. p. 63).

Mas o pagode foi além, continuou mudando, surgiu então mais uma vertente do samba, com um novo jeito de fazer samba com alguns novos instrumentos. O jeito de abordar o amor nas letras, a bateria, o baixo, o teclado (ou sintetizador), instrumentos de sopro, tudo isso mudou ainda mais a cara do samba, mudança essa arquitetada pelas bandas de pagode do estado de São Paulo (TROTТА, 2006).

1.3 O PAGODE ROMÂNTICO

A Indústria Cultural¹ e o avanço mercadológico influenciaram na criação de uma espécie de subgênero do pagode, o “pagode romântico”, como afirma Nei Lopes:

¹ Produção industrial dos bens culturais como movimento global de transformação da cultura em mercadoria (ADORNO; HORKHEIMER, 1986).

(...) chegados os anos 1990, a indústria internacional do entretenimento apropriou-se da denominação pagode. Aí, o que era uma revolucionária forma de compor e interpretar samba, fruto de um movimento estrutural, passou a ser apenas uma diluição, expressa em um produto sem a malícia das sínopes, sem as divisões rítmicas surpreendentes, de melodias e harmonias intencionalmente primárias (...) cada vez mais próxima da massificação do pop (LOPES, 2003. p. 111).

Com forte influência da música pop norte-americana, começou a surgir grupos com sonoridades ainda mais diferentes do samba/pagode feitos nas rodas dos subúrbios cariocas:

Surgia, então, uma nova maneira de se fazer samba, diretamente influenciada pelas tendências culturais internacionais. Este novo pagode não era mais feito nas mesas dos quintais do subúrbio carioca, mas sim produzido em estúdios. Nascia o “pagode das gravadoras” ou “pagode romântico” (AMARAL, 2018. p. 65).

O grupo pioneiro na criação desta nova sonoridade foi o Raça Negra. Trotta (2006) descreve a inovação por parte do grupo, sem influências do pagode raiz,

Nós nunca tocamos Fundo de Quintal. Eu sempre dizia que o Raça Negra está mais pra Tim Maia do que pra Fundo de Quintal. Então era essa mistura de samba com essas influências da *Black music*, mais o *samba-rock*, o Swing de Jorge Benjor e a gente misturava um pouco samba, mais pagode e samba (Luiz Carlos em entrevista concedida a TROTTA, 2006. p. 127).

O grupo Raça Negra conseguiu gravar seu primeiro LP em 1991, vendendo mais de um milhão de cópias. Após o fenômeno Raça Negra surgiram outros grupos como o Negritude Júnior e o Só pra Contrariar, que Felipe Trotta descreve com “ecos do Raça Negra” (TROTTA, 2006).

Atualmente o samba está representado por três grandes correntes: o “samba de raiz”, que tem uma ligação sonora mais próxima do que era produzido nas décadas de 30 e 40; o pagode raiz, com uma sonoridade mais próxima ao grupo Fundo de Quintal; e o pagode romântico, que atingiu seu ápice no fim dos anos 90 e que atualmente vem numa nova crescente no mercado musical:

A utilização do termo [de raiz, na década de 90] evidencia que designar uma música como “samba” não era mais suficiente, tornando-se necessário explicar mais, associar a prática musical a um conjunto mais específico de elementos semelhantes e característicos do gênero. Na prática, significava a criação de uma demanda por um maior refinamento na classificação da categoria samba (TROTTA, 2006. p. 171).

O pagode é uma forma diferente de se fazer samba, mas ainda assim é samba. Estão intrinsecamente ligados, visto que possuem uma mesma raiz cultural. Houveram algumas

mudanças na forma de se tocar, se portar e também na instrumentação das bandas, mas isso não significa que seja um novo gênero, e sim uma variante, uma ramificação. As estruturas melódica e rítmica são as principais características que diferenciam o pagode de outras vertentes do samba. Como diz o sambista e pesquisador Nei Lopes:

Assim como o *rock'n'roll* é uma repaginação do *rhythm & blues*, que por sua vez é o velho *blues* em andamento acelerado, a forma pagode de fazer samba, apesar das profundas inovações que trouxe, não configura um novo gênero musical e, sim, uma variante da corrente principal. Mas uma variante que foi responsável por uma renovação estrutural (LOPES, 2003. p. 110).

2 O SAMBA NO MARANHÃO

Como falamos anteriormente, o samba tem raízes em vários lugares do Brasil, inclusive no Maranhão. Os tambores que estão presentes no samba e em outras manifestações culturais da época, como a capoeira e a umbanda, também se fazem presente na capital maranhense através das danças de roda, tambor de crioula e os baralhos com seus reco-recos, pandeiros e violões (CASCUDO *Apud* MARTINS, 2001).

Conforme Pereira (2003) há muita semelhança com o tambor de crioula, que na árvore genealógica, também é um dos ancestrais do samba. Os instrumentos usados eram os seguintes: tamborim quadrado, tarol de mão, retintas, cabaças, violões, cuíca, pandeiro e clarim, formando turmas de tocadores itinerantes. Essas turmas de tocadores mais tarde formaram escolas de samba na capital maranhense (PEREIRA, 2003).

A música popular criada no Maranhão na segunda metade do século XX é influenciada pela cultura dos grandes centros transmitida por meios radiofônicos, discos de vinil e posteriormente pela televisão (TÔRRES, 2006). É nesse contexto que surge o principal expoente do samba maranhense, a cantora Alcione².

A diversidade musical e principalmente rítmica é grande, temos vários estilos e gêneros, dentre eles o bumba-meu-boi e o tambor de crioula, os dois conhecidos como as principais riquezas rítmicas e culturais do Maranhão. Este último foi oficializado em 2007 pelo IPHAN como patrimônio cultural e imaterial da humanidade. Estes gêneros são intimamente ligados ao samba, seja pela sua tradição histórica, sua instrumentação ou sua rítmica rica e variada.

2.1 O SAMBA NO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE

O Maranhão é um estado brasileiro da Região Nordeste do país. Este estado foi dividido geograficamente pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em cinco mesorregiões, que por sua vez abrangiam 21 microrregiões, segundo o quadro vigente entre 1989 e 2017. Nessas microrregiões está a do Baixo Parnaíba Maranhense que abrange seis

² Alcione Dias Nazareth, também conhecida como Marrom, nasceu em São Luís do Maranhão em 21 de novembro de 1962. Começou cantando na noite, levada pelo cantor Everardo. Após ter feito excursão por países da América do Sul, morou na Europa por dois anos. Voltou ao Brasil em 1972 e três anos depois ganhou o primeiro disco de ouro através do primeiro LP, *A voz do samba* (1975). A canção “*Não deixe o samba morrer*” quando começou a ser executada nas rádios do país, permaneceu 22 semanas em primeiro lugar nas paradas de sucesso e é uma das músicas mais tradicionais do gênero.

municípios. Sendo estes Água Doce do Maranhão, Araiões, Magalhães de Almeida, Santa Quitéria do Maranhão, Santana do Maranhão e São Bernardo (IBGE, 1990). Este ficou sendo o lugar delimitado como campo de pesquisa.

Imagem 1 - Mapa do estado do Maranhão. Em destaque a microrregião Baixo Parnaíba Maranhense



Fonte: Abreu (2006)

Nesta região é muito forte a presença e surgimento de grupos de forró. O samba, entretanto, não tem tanto espaço no meio dos músicos, embora tenha muitos simpatizantes. É nesse cenário que surgem os grupos Sem Querer e Pagodão Por Acaso. Influenciados pelos grupos que fizeram sucesso no final dos anos 90, estes grupos levam o samba e o pagode para lugares de pouca tradição no gênero.

3 GRUPOS E ARTISTAS

Atualmente contamos apenas com dois grupos de samba/pagode na região, o Pagodão Por Acaso no qual sou vocalista e instrumentista e o grupo Chama Viva, voltado para

a música gospel. Outro grupo que procurei conhecer foi o grupo Sem Querer, da cidade de Araiões-MA. Infelizmente o grupo encerrou suas atividades em 2009. Além de entrevistar o cavaquinista do Pagodão Por Acaso, Isac Samic³, entrevistei também Frank Coutinho⁴ que foi o idealizador e cavaquinista do Sem Querer. Acrescentarei também meu relato sobre o Pagodão Por Acaso, pois fui o idealizador no grupo na sua segunda fase.

Devido às proporções deste trabalho decidi entrevistar o grupo Sem Querer e também o Pagodão Por Acaso, embora sejam apenas dois grupos, a partir destes consegui traçar um relato histórico do samba no Baixo Parnaíba Maranhense e traçar o atual cenário do gênero na região.

Antes de iniciar as entrevistas elaborei juntamente com meu orientador, um questionário que me guiou nas entrevistas e isso foi fundamental na coleta dos dados. Trago aqui o questionário elaborado:

1. Como você começou a tocar samba?
2. Como surgiu o grupo?
3. Quem são os integrantes da banda e quais instrumentos tocam?
4. Como são escolhidos ou feitos os arranjos?
5. Que tipo de eventos/casas de show vocês costumam tocar?
6. Se reúnem para tocar casualmente/ensaio?
7. Alguém tem outro emprego além da música?

Acredito que os dados obtidos nessas questões englobam tópicos que fui destrinchando no decorrer da conversa e, posteriormente, do presente trabalho.

Elaboradas as perguntas, parti então ao trabalho de campo. Entrevistei primeiramente Frank Coutinho, do Sem Querer e depois Isac Samik, do Por Acaso.

³ Isac Samic Silva Filho, cavaquinista do grupo Pagodão Por Acaso, um dos grupos mais conhecido da região.

⁴ Frank Coutinho, cavaquinista e fundador do grupo Sem Querer, grupo da cidade de Araiões/MA

3.1 GRUPO SEM QUERER

Imagem 2 - Grupo Sem Querer, em apresentação em Araiões/MA em 2011



Fonte: Imagem extraída de um vídeo do grupo no YouTube.⁵

Eu já sabia que na cidade de Araiões/MA tinha um grupo de pagode, nas rodas de conversas de amigos nós sempre falamos sobre grupos da região ou outras proximidades. Para que eu pudesse falar com alguém de lá meu primeiro contato foi com o músico Aurélio Sampaio, que tinha informações sobre um músico do grupo Sem Querer. Então entrei em contato por meio das redes sociais e comecei a conversar com Frank Coutinho que era cavaquinista e diretor musical do grupo.

Iniciei questionando a respeito da sua história no samba e seu primeiro contato com o pagode. Depois perguntei sobre o grupo e fui autorizado a colocar em meu trabalho todas as informações que seriam coletadas na entrevista. Ele me contou que começou no samba por volta de 1997 em reunião com amigos após as partidas de futebol. Influenciados pelo som do grupo paulista *Raça Negra*, eles se reuniam para cantar e tocar os sucessos da banda. Frank contou que os instrumentos eram improvisados e de materiais comuns, como baldes e latinhas.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lt00LmIWtxQ>

A gente se reunia ali ficava com aquela brincadeira cantando raça negra aquela coisa toda e dali a gente foi evoluindo e deixando de depois do treino, já pra marcar final de semana pra gente fazer aquela brincadeira (...) os nossos instrumentos eram assim... eram... eram tambor daqueles de óleo diesel (*risos*) uns baldes... aí a gente colocava uns *caroço* de arroz dentro numa latinha de leite moça e fazia o chocalho e ficava naquela brincadeira (Frank Coutinho em entrevista concedida em 21/10/2019).

O grupo Sem Querer começou a surgir entre 2006/2007 em reuniões de amigos para beber e se divertir. Frank contou que se reuniam aos finais de semana sem pretensão de se tornar um grupo profissional. Mas então apareceu um proprietário de uma pizzaria que fez um evento com eles e outro grupo:

(...) sempre ali dentro do quintal. Nunca a gente tocou em bar, nem nada e depois de alguns meses alguém viu, um rapaz com o nome Ionildo Ribeiro, que é proprietário de uma pizzaria. Viu a gente tocando e realizou uma feijoada com um grupo de pagode de Parnaíba, né. Depois disso aí a gente começou a montar um grupo de verdade que a gente batizou com o grupo de pagode Sem Querer (Frank Coutinho em entrevista concedida em 21/10/2019).

Imagem 3 - Frank Coutinho, Cavaquinista do Sem Querer em 2011



Fonte: Imagem extraída de um vídeo do grupo no YouTube.⁶

O grupo durou pouco mais de 2 anos, encerrando suas atividades devido problemas de ordem financeira. Ele conta que como a renda do município era fraca e o grupo era formado por jovens, alguns viajaram para estudar e/ou trabalhar. Foi dessa forma que o grupo foi

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lt00LmIWtxQ>

terminando. “Não foi briga, graças a Deus nunca foi briga.” A falta de apoio financeiro acabou culminando no fim do grupo.

Tabela 1- Formação do grupo Sem Querer.

FORMAÇÃO DO GRUPO	
INSTRUMENTO	NOME DO COMPONENTE
Baixo	Charles
Violão	Ribinha
Cavaquinho	Frank
Percussão – Surdo	Bruno
Percussão – Tantã	Lira
Percussão - Pandeiro	Kleuson
Voz	Johnny e Roberto Idalberto.

Imagem 4 - Grupo Sem Querer, em apresentação em Araisos/MA em 2011



Fonte: Imagem extraída de um vídeo do grupo no YouTube.⁷

Frank falou também que o repertório da banda era bastante diversificado e tocavam “de tudo”: desde do pagode, do samba, o pagode romântico e swingueira. O grupo trazia um mesclado grande de vários estilos relacionados ao samba e ao pagode.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2k0ja7d19Ro>

Após o término do grupo boa parte dos integrantes se dedicaram a outras atividades, continuando na música apenas Johnny, um dos vocalistas e o próprio Frank Coutinho que montou uma banda de forró chamada *Swing Bakana*.

3.2 PAGODÃO POR ACASO

O grupo teve duas formações em dois períodos diferentes. A primeira com início em 2009 e segunda nos dias atuais (2019). Embora o nome seja o mesmo, as formações e histórias são diferentes. Esse nome foi idealizado por Isac Samik que toca cavaquinho e faz parte do grupo desde a sua primeira formação. É um personagem importante na história do samba/pagode na região.

Começaremos contando a história da primeira formação do Pagodão Por Acaso, em 2009 a partir da narrativa de Isac Samik. Ele me concedeu a entrevista em 13 de novembro de 2019 em sua casa. Isac contou que começou a ter suas primeiras experiências coletivas envolvendo o samba na escola, com os colegas de sala de aula, em meados de 2006. Eles ficavam cantando e batucando nas cadeiras, mesas e cadernos nos intervalos das aulas. Ele conta também que em 2008 começaram a se organizar para tocar:

Em 2008 surgiu um grupo de Chapadinha, aí veio para cidade a gente gostou. Aí a gente foi fez uns investimentos montamos um grupozinho com poucos instrumentos pandeiro, tantã e cavaquinho, coisas simples. Aí no ano de 2009 eu tive ajuda do meu pai e a gente começou os ensaios, fomos... botamos uma coisa para frente, uma coisa mais séria e *tamo* aí até hoje na batalha (Isac Samik em entrevista concedida em 13/11/2019).

Imagem 5 - Pagodão Por Acaso, em apresentação em Santa Quitéria do Maranhão/MA em 2009



Fonte: Imagem cedida por Isac Samik

Dado esse pequeno investimento, Isac conta que ele e seus amigos começaram então a se reunir com mais frequência para tocar samba. Os encontros aconteciam no quintal da sua casa sem muitas pretensões. O pai do Isac, seu Kariolano (carinhosamente chamado de Karí), começou a gostar dos encontros musicais e resolveu investir em uma proposta profissional. Comprou instrumentos musicais e auxiliou os músicos nos estudos e na formação de um repertório. Karí se tornou o empresário e diretor musical do grupo, pois o mesmo também era músico. Isac conta que:

A gente tocava mesmo por brincadeira aqui no quarto, aqui em casa às vezes no quintal uma bebedeira a gente tomava umas. Aí meu pai foi viu aquilo e quis levar a sério. Aí botou a gente para estudar e a gente começou a ensaiar pegar música aí chegou uma certa data que ele falou que a gente ‘tava’ pronto para tocar. Como até ele marcou o primeiro show para a gente e até nesse show só deu duas pessoas, mas foi uma experiência boa (...). Isso foi no finalzinho de 2009 (Isac Samik em entrevista concedida em 13/11/2019).

Segundo Isac, o grupo contava com uma instrumentação básica, mas suficiente para se fazer o pagode. Os músicos também eram poucos, entretanto o grupo conseguiu se manter durante um ano no cenário musical da região.

Tabela 2 - Formação do grupo Pagodão Por Acaso, em sua primeira fase.

FORMAÇÃO DO GRUPO	
INSTRUMENTO	NOME DO COMPONENTE
Cavaquinho	Isac Samik
Percussão - Tantã	Ernildo Silva
Percussão - Pandeiro	Aurélio Sampaio
Voz	Paulo

Com essa formação o grupo tocou durante um ano. A morte do Seu Karí, em 2010, desmotivou os músicos integrantes e encerrou as atividades do grupo, pois além de entusiasta, ele era produtor musical. Esse fato determinou o final da primeira fase do grupo. Como tudo passava pelas suas mãos, os meninos se sentiram desmotivados e isso acarretou no encerramento do grupo.

A segunda fase do grupo Pagodão Por Acaso compete aos dias atuais (2019).

A segunda fase do grupo teve como ponto de partida os jogos do Santa Quitéria Futebol Clube, em meados de 2014. Acompanhámos os jogos do time da cidade como integrantes da torcida organizada Fúria Quiteriense. Levávamos surdos, caixas e outros instrumentos e acontecia um pagode na praça próxima ao estádio após os jogos. Jadson Lima, presidente dessa torcida, estava sempre presente e decidiu reorganizar o grupo com o intuito de profissionalizar o grupo de amigos/torcedores músicos. Jadson contribuiu bastante com o retorno do grupo. Como comenta Isac:

O grupo retornou foi assim: tinha uma galera aqui em Santa Quitéria que começou a gostar de samba e ‘tava’ montando um grupo. Eu sinceramente não pensava mais em tocar. Aí um colega meu chamado Jadson me procurou e falou desse grupo que tinha um amigo dele chamado Júlio, aí ele me convidou falou com o Júlio aí me chamou. (Isac Samik em entrevista concedida em 13/11/2019).

Reunimos alguns amigos e começamos a ensaiar. O grupo se chamaria Grupo Deix’em Off e tinha a seguinte formação:

Tabela 3 - Formação do grupo Deix’em Off, embrião do Pagodão Por Acaso, em sua segunda fase.

FORMAÇÃO DO GRUPO	
INSTRUMENTO	NOME DO COMPONENTE
Cavaquinho	Isac Samik
Violão	Julio Costa
Percussão – Reco-Reco	Rodrigo Araújo
Percussão – Tantã	Nicholas Silva
Percussão – Pandeiro	Chaguinha
Percussão – Surdo	Jadson Lima
Voz	Wallison Noah

Imagem 6 - Ensaio do grupo Deix'em Off, embrião do Pagodão Por Acaso em sua segunda fase.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

O grupo foi desenvolvendo lentamente, eu percebi que o nome Deix'em off não era muito comercial e então batizei de Pagodão Por Acaso, visto que era um nome de maior relevância pois já tinha uma pequena história no cenário local.

Tabela 4 - Formação do grupo Pagodão Por Acaso, em sua segunda fase.

FORMAÇÃO DO GRUPO	
INSTRUMENTO	NOME DO COMPONENTE
Cavaquinho	Isac Samik
Percussão - Surdo	Jadson Lima
Percussão – Reco-Reco	Rodrigo Araújo
Percussão - Tantã	Nicholas Silva
Percussão - Pandeiro	Chaguinha
Teclado/Voz	Julio Costa
Voz	Stéfane Monteiro

Imagem 7 - Pagodão Por Acaso, em apresentação em Santa Quitéria do Maranhão/MA em 2019



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em meados de 2019 o grupo passou por mais uma reformulação e mudou a formação, essa última mais duradoura e com mais aceitação por parte do público é também a formação atual:

Tabela 5: Formação do grupo Pagodão Por Acaso, em sua segunda fase.

FORMAÇÃO DO GRUPO	
INSTRUMENTO	NOME DO COMPONENTE
Cavaquinho	Isac Samik
Percussão - Surdo	Mayky Balla
Percussão – Reco-Reco	Nicholas Silva
Percussão - Tantã	Rodrigo Araújo
Violão	Vinicius Araújo
Percussão – Pandeiro/Voz	Julio Costa

Vale ressaltar que há também shows em que os músicos eventualmente tocam outro instrumento. Eu, por exemplo, tenho festas que toco tantã e canto, outras toco pandeiro e canto e em alguns momentos do show toco cavaquinho e canto. Como os músicos são versáteis dá pra conciliar bem essa troca de instrumentos.

Imagem 8 - Pagodão Por Acaso, em apresentação em Santa Quitéria do Maranhão/MA em 2019



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em nossos arranjos nós mantemos uma ligação com o original, mas como nossos instrumentos são básicos nós mesmo vamos criando os arranjos.

O Pagodão Por Acaso está em uma fase inicial de trabalhos autorais. Já estamos tocando nos shows uma canção intitulada *Tudo é passageiro*, de autoria minha (Julio Costa) e Nikolas Silva. Segue abaixo letra e cifra:

Tudo é passageiro - Pagodão Por Acaso (2019)

Intro: **G – Em – Am – D7**

G **D**

Você me fazendo promessas malucas e eu tava até acreditando

Em

Mas lá no fundo do meu peito sabia que você estava me enganando

Am **C**

Pois é vacilou e trocou um amor pra andar por aí nas baladas

D **D7**

Sem culpa, sem rumo, sem dono, em pleno abandono que baita mancada

G **D**

E aí tudo é passageiro e agora são águas passadas

Em

‘Cê’ volta com a cara de pau me pede perdão e quer ser perdoada

Am **C**

Te perdôo não guardo rancor. Agora só podemos ser amigos

D **D7**

Por que a vida mudou, a sofrência acabou já tô comprometido

G

Perdeu e agora quer voltar

D Em

Não deu desculpa eu te falar

Am **C**

Esqueceu? Você que quis assim

D **G**

Hoje eu já tenho alguém que cuida bem de mim

O repertório do Por Acaso segue uma linha mais próxima ao pagode romântico, muitas músicas são sucessos de grupos da década de 90.

A harmonia no pagode romântico utiliza mais tensões e o uso de acordes com a sétima maior 7M em graus como I e IV é bastante comum, assim como o uso de nonas em acordes V7. Essa estratégia objetiva dar mais sentimento às letras, às melodias e à forma de cantar. No pagode romântico as músicas falam de saudade, amor e sexo, felicidade no amor e sofrimento (TROTТА, 2006).

Imagem 9 - Pagodão Por Acaso, em apresentação em Santa Quitéria do Maranhão/MA em 2019



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Através das entrevistas e outras observações percebi que uma grande maioria dos músicos da região conciliam a música com alguma outra atividade remunerada, Isac disse que todos no grupo (Por Acaso) têm trabalhos fora a música, fora o grupo, tem uns que trabalham tem uns que estudam. No grupo Sem Querer apenas dois integrantes continuaram na música, o vocalista Johnny e o Frank, que nos concedeu a entrevista.

Pude observar que o repertório escolhido não varia muito de um grupo para outro, tendo uma grande variedade de estilos. Frank do Sem Querer contou que tocava tudo desde do pagode, do samba, o pagode romântico, swingueira. Era um mesclado grande de vários estilos relacionado ao samba e ao pagode. No Pagodão Por Acaso também se faz um mesclado no repertório, tocando desde Jorge Aragão (pagode raiz) passando por Exaltasamba (pagode

romântico) e até Parangolé (swingueira/pagode baiano). O Sem Querer não tinha composições próprias, já o Por Acaso tem músicas próprias colocadas no repertório. Observando a instrumentação, pelo fato de utilizar, às vezes, teclado, bateria e baixo o Pagodão Por Acaso se aproxima mais do pagode romântico, enquanto o Sem Querer se aproxima do pagode raiz. Percebi que os grupos utilizam de maneiras diferentes os instrumentos, criando assim sua própria identidade.

Sobre os lugares onde os grupos se apresentam esses são bem variados, mas predomina o estilo barzinho. Locais abertos e geralmente durante o dia, a combinação de samba, suor e cerveja. Não há uma casa exclusiva para Samba, o que há são casas de eventos que têm aberto suas portas ao gênero. O grupo Por Acaso tocou bastante num local chamado Eventos Bar, casa que geralmente tocam mais grupos de forró, os chamados "esquemas". Outra casa que o grupo já tocou algumas vezes foi o Aquarius Bar, casa onde predomina as baladas, com paredões. Então podemos perceber que são bem variadas. Acredito que o público está sendo formado, a platéia está sendo formada. É um processo feito de forma gradual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da carência de trabalhos acadêmicos sobre o samba/pagode e música popular da região pesquisada, tentei demonstrar um pouco das atividades e formação de alguns grupos, comentando também sobre o cenário musical dessa região. Para isso, tracei um breve histórico sobre as possíveis origens do samba, das transições ocorridas no gênero e as motivações das mesmas, trazendo as mudanças que ocorriam através do tempo no gênero. Mudanças essas ocorridas entre o samba e o pagode raiz e, posteriormente, entre o pagode raiz e o pagode romântico, definindo algumas das características de cada estilo. Entretanto, devido às dimensões desta pesquisa, não pude fazer uma análise mais aprofundada.

O samba é símbolo de uma luta das populações marginalizadas da sociedade do fim do século XIX e século XX, compostas em sua maioria por negros e mulatos. O gênero tem uma relação íntima com o passado desse povo, o repertório, os lugares e os símbolos que marcam sua origem. A roda de samba é um acontecimento informal que funciona como uma espécie de fator de coesão de um determinado grupo em torno das referências do repertório e se tornou um símbolo fundamental para a própria definição do gênero.

Embora o principal gênero da região do Baixo Parnaíba Maranhense seja o forró, o samba está presente em diversas ocasiões festivas e não deixa de ser presença marcante nos quintais dos músicos sambistas e entusiastas. Entretanto isso não refletiu na criação de grupos na região e temos um número relativamente baixo de músicos ligados ao gênero.

Conhecemos os grupos Sem Querer, de Araisos/MA e Pagodão Por Acaso, de Santa Quitéria do Maranhão/MA. Vimos que os grupos do Baixo Parnaíba Maranhense se apresentam de uma instrumentação reduzida. Geralmente não possuem baixo, bateria e teclado, mas mesmo assim conseguem passar a sonoridade do pagode romântico através das letras e das harmonias dissonantes e dos arranjos vocais formando acordes, diferente de coro no samba moderno.

Os encontros descontraídos se tornaram fundamentais na formação dos grupos estudados, o Sem Querer e o Por Acaso. Essas reuniões de amigos serviram como estopim para uma futura criação de um grupo de samba. Tais encontros continuam acontecendo nos bares, nos aniversários, onde amigos se juntam pra se divertir, ou simplesmente depois do jogo de futebol, com um bom churrasco e uma cerveja bem gelada. Talvez seja essa a principal característica do samba, a irreverência.

Este gênero possui desde seu princípio, a capacidade de animar festas, foi assim em seu início e acredito que essa característica nunca se perderá, por mais que seus elementos musicais se modifiquem, o samba continuará sendo tocado pelas próximas gerações.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Raphael Lorenzeto de. *Maranhão Micro Baixo Parnaíba Maranhense*. [S. l.: s. n.], 2006. Localizador de mapa da microrregião Maranhão Baixo Parnaíba Maranhense. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maranhao_Micro_BaixoParnaibaMaranhense.svg?uselang=pt-br. Acesso em: 21 nov. 2019.
- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *A Indústria cultural*. In: Sociologia: Theodor W. Adorno, (Org.)G. Cohn. São Paulo: Ática, 1986.
- AMARAL, Luiza Real de Andrade. *Das rodas às rádios: um estudo sobre o consumo do pagode no Brasil*. Revista Contemporânea. Rio de Janeiro, nº10, p. 58-70. 2018.
- AUGRAS, Monique. *O Brasil do Samba-Enredo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BLANC, Aldir. SUKMAN, Hugo. VIANNA, Luiz Fernando. *Heranças do Samba*. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra, 2004.
- CABRAL, Maíra S. *Formalização do ensino do pandeiro brasileiro*. Monografia (graduação)-Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: UFRN, 2010. 53p.
- COUTINHO, Frank. *Entrevista sobre o grupo Sem Querer*. concedida em 21/10/2019 ao entrevistador Julio Santos.
- DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br>.
- DINIZ, André. *Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GUIMARÃES, Francisco. *Na Roda do Samba*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1990). *Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas*. Biblioteca IBGE. 1: 32–35. Consultado em 26 de novembro de 2019.
- LIMA, Luís Fernando Nascimento de. *O pagode dos anos 80 e 90: centralidade e ambivalência na significação musical*. Revista Em Pauta. São Paulo, v. 13, nº 21, p. 89-109. 2002
- LOPES, Nei. *Sambeabá: o samba que não se aprende na escola*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. 188 p.
- MARTINS, Ananias. *Carnavais de São Luís: diversidade e tradição*. São Luís: SANLUIZ, 2001.
- MOURA, Roberto (1983). *Tia Ciata e a pequena África no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte.

NAPOLITANO, Marcos. WASSERMAN, Maria Clara. *Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, nº 39, p.167-189. 2000

NETTI, Bruno. *“The Harmless Drudge: Defining Ethnomusicology”*. In (do autor) *The Study of Ethnomusicology: Thirty-one Issues and Concepts*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2005.

_____. *O samba e suas fronteiras: “pagode romântico” e “samba de raiz” nos anos 1990*. / Felipe Trotta. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

PEÇANHA, João Carlos de Souza. *O choro, o samba de roda e a matriz africana*. Brasília: ANAIS DO II SIMPOM, 2012.

PEREIRA, Robson. *O conflito é pela tradição? Representação do tradicional de sambistas da Escola de Samba Turma do Quinto*. Comissão Maranhense de Folclore, São Luís, n. 25, p. 04-07, 18 jun. 2003.

SILVA FILHO, Isac Samik. *Entrevista sobre o grupo Pagodão Por Acaso*. concedida em 13/11/2019 ao entrevistador Julio Santos.

TÔRRES, Antonia Márcia Sousa. *Cantando a história da música contemporânea maranhense*. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

TROTTA, Felipe da Costa. *Samba e mercado de música nos anos 1990*. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Rio de Janeiro, 2006. 262 p.

ANEXO 1 – ENTREVISTAS

Entrevista com Frank Coutinho – Araioses/MA - grupo sem querer

Concedida em 21-10-2019

Por meio de *WhatsApp*

Primeiramente bom dia! conta aí como você começou a tocar samba/pagode?

FRANK – É... bom dia a pergunta é como você começou a tocar samba pagode... cara, é o seguinte lá no ano de mil novecentos e noventa e sete... noventa e sete... pra mais ou menos isso por acaso a gente tinha uns colegas Alessandro, Pit Bull e um outro lá que gostava muito de raça negra, entendeu, e a gente ao final da noite... tipo depois de um treino de futebol que a gente fazia lá a gente ficava ali começava a cantar brincar aquela coisa toda... coisa de adolescente, entendeu? A garotada toda de quatorze quinze anos então a gente se reunia ali ficava com aquela brincadeira cantando raça negra aquela coisa toda e dali a gente foi evoluindo e deixando de depois do treino já pra marcar final de semana pra gente fazer aquela brincadeira a gente fazia uns almoço na casa dum colega da gente com nome Sandro... entendeu e aí a gente fazia o almoço depois do almoço a gente ficava com aquela brincadeira e os nossos instrumentos eram assim... eram... eram tambor daqueles de óleo diesel (risos) uns balde... aí a gente colocava uns caroço de arroz dentro dum latinha de... de leite moça e fazia o chocalho e ficava naquela brincadeira Alessandro, Pit Bull... Bruno eh... uma turma né, uns batendo e outros cantando acompanhando. Dali iniciou minha trajetória dentro do samba do pagode.

Quer dizer então que vocês começaram no final dos anos 90 e tocaram até quando? Como era o nome do grupo?

FRANK: Bom cara isso aí foi o início, assim, de como surgiu o pagode na vida da gente aqui, entendeu? Não foi quando surgiu o grupo. o grupo já veio surgiu em dois mil e seis pra dois mil e sete, já há quase dez anos depois. a gente já... já tinha um uma base a gente já tinha um grupo já reunir mais gente, a gente combinava o final de semana pra casa de um colega de outro cada um levava bebida. aí fui aumentando já não tocava mais com tambor de óleo, já tocava mesmo com o tantãzin, com o rebole chamado e pandeiro mesmo, maraca... já instrumentos mesmo entendeu? mas sempre ali dentro do quintal nunca a gente tocou em bar, nem nada e depois de alguns meses alguém viu, um rapaz com o nome Ionildo Ribeiro, que é proprietário de uma pizzaria viu a gente tocando e realizou uma feijoada com um grupo de pagode de Parnaíba né depois disso aí a gente começou a montar um grupo de verdade que a gente batizou com o grupo de pagode sem querer.

A fundação exata do grupo foi nesse período entre dois mil e seis dois mil e sete e a gente tocou um pouco mais de dois anos, três anos só cara... aí como a renda do município era muito fraca e a galera toda jovem ainda né... dezessete, dezoito anos alguns precisaram viajar, trabalhar e o grupo começou a desandar dessa forma. Não foi briga, graças a Deus nunca foi briga, mas simplesmente porque a necessidade obrigava o pessoal a sair da cidade pra viajar.

Quem era os integrantes e quais instrumentos vocês usavam aí?

FRANK: Cara a formação era assim: Baixo, Charles; Violão, Ribinha; Cavaco, Frank, eu (risos); Surdo, Bruno; Tantã, Lira; Pandeiro, Kleuson; Voz Johnny e Roberto Idalberto.

E assim em relação ao repertório, vocês tocavam mais o quê? Como era o estilo de vocês?

FRANK: Tudo. A gente tocava tudo desde do pagode, do samba, o pagode romântico, swingueira... “nós tocava” tudo né... “nós era” um mesclado grande de vários, de todos os estilos relacionado ao samba e ao pagode.

Depois que acabou o grupo, você continuou trabalhando na Música? a galera daí continuou trabalhando na música ou a maioria encerrou?

FRANK: Cara... o Charles, o baixista, entrou pra igreja evangélica, toca numa igreja evangélica em Parnaíba. o Ribinha foi embora pra Aparecida do Norte, São Paulo. Eu continuo na Música, hoje eu mexo com a banda de forró, um esquema, era uma banda agora virou esquema porque a dificuldade foi fechando. O Kleuson foi embora pra São Paulo também, o pandeirista. O Bruno do surdo ficou na cidade mora na cidade, trabalha com gesso. O Lira mora na cidade tá sem trabalhar. O Idalberto que é um dos cantores também trabalha na cidade, é agente de endemias no município e o Johnny continua na música. O Johnny lançou o próprio estilo... lançamento lá... ele toca solo, Johnny Solo, ele canta sozinho voz e violão e foi desse jeito cara. Como é o nome da Banda que você toca aí agora?

FRANK: Swing Bakana

Entrevista com Isac Samik Silva Filho – Santa Quitéria do Maranhão/MA – Pagodão Por Acaso
Concedida em 13-11-2019

A primeira pergunta é como você começou a tocar samba? como foi o primeiro contato com o samba?

Isac - meu primeiro contato assim a tocar samba foi na época de 2006 tinha uma turma no colégio que gostava muito de samba aí a gente começou a fazer uma batucada mesmo em sala de aula nos livros nas mesas. aí em 2008 surgiu um grupo de Chapadinha aí veio para cidade a gente gostou aí a gente foi fez uns investimentos montamos um grupozinho com poucos instrumentos pandeiro, tantã e cavaquinho coisas simples aí no ano de 2009 eu tive ajuda do meu pai e a gente começou os ensaios fomos botamos uma coisa para frente uma coisa mais séria e tamo aí até hoje na batalha aí e foi assim que eu comecei de uma brincadeira que se tornou realidade.

o grupo assim como foi que como foi que surgiu? como foi que começou a surgir?

Isac - o grupo surgiu mesmo com influência do meu pai né que eu apoio eu fosse como eu já tinha amigos que tocavam já por aí a gente se reuniu fizemos uns investimentos nos instrumentos E aí tamo aí até hoje um grupo assim de 5 pessoas e é isso aí nós estamos aí na batalha aí

Sobre esse o começo mesmo assim sobre o início a galera se reunia assim sem nenhuma pretensão de tocar? de formar um grupo? quando foi que começou a surgir assim o grupo? assim questão de datas essas coisas.

Isac - Surgiu assim por que a gente tocava mesmo por brincadeira aqui no quarto aqui em casa às vezes no quintal uma bebedeira a gente tomava umas aí meu pai foi viu aquilo e quis levar a sério aí botou a gente para estudar e a gente começou a ensaiar pegar música aí chegou uma certa data que ele falou que a gente tava pronto para tocar como até ele marcou o primeiro show para a gente e até nesse show só deu duas pessoas mas foi uma experiência boa e aí a gente está aí até hoje na batalha. Isso foi no finalzinho de 2009 para 2010 e o grupo tá aí.

Quem eram os integrantes da banda e os instrumentos que os integrantes da banda?

Isac - Os integrantes da banda era eu toco cavaquinho tinha um amigo meu Ernildo que tocava tantã, tinha o Aurélio que tocava o pandeiro, tinha o Paulo que era cantor era não é o cantor foi o cantor aliás do pagode. até agora que eu me lembro o grupo era formado por essas pessoas e essa foi a formação do grupo aí a primeira formação do grupo foi essa aí a gente parou por causa que meu pai faleceu e ele que era o cara que dava moral, maior apoio para a gente. A

gente parou em 2010 a gente tocou eu acho que um ano e a gente parou. em 2018 a gente voltou aí.

E essa volta do grupo assim como foi que tiveram a ideia de voltar?

Isac - o grupo retornou foi assim tinha uma galera aqui em Santa Quitéria que começou a gostar de samba tava montando um grupo Eu sinceramente não pensava mas em tocar aí um colega meu chamado Jadson me procurou e falou desse grupo que tinha um amigo dele chamado Júlio aí ele me convidou falou com o Júlio aí me chamou. o nome do grupo ia ser até outro mas aí a gente conversou e tal como eu já tinha experiência um pouco experiência já com o primeiro grupo que já tinham primeiro nome chamado por aí ele chegou numa conclusão e colocou o mesmo nome do grupo que foi o primeiro que eu tinha aí agora a gente tá aí batalhando e tocando aí nos eventos da cidade.

e essa formação atual aí, quem são os integrantes do grupo e os instrumentos que eles tocam?

Isac - vamos lá deixa eu ver aqui tem eu Isaque no cavaco tem um amigo meu chamado Maike que toca surdo tem no pandeiro tem um amigo meu chamado Biroi, tem o cara do violão chamado Vinícius, o Nícolas que tocar reco-reco e o Júlio cantor que é o nosso vocalista do nosso grupo aí.

E como é que é escolhido os arranjos? como é que são feitos os arranjos?

Isac - algumas músicas a gente vai tentando fazer no máximo próximo das originais mas como nossos instrumentos são básicos a gente mesmo vai criando nossos arranjos e vai tentando porque nossos instrumentos como são básicos não dá para fazer como aquelas bandas que tem sopro que tem para chegar ao máximo original mas a gente vai Fazendo a nossa forma.

Que tipo de eventos e casas de show vocês costumam tocar?

Isac - A gente toca... a gente já tocou em praça pública fazendo abertura de bandas, mas a gente toca mais em barzinho, em lanchonete esse tipo de evento entendeu, mas a gente é acostumado a fazer qualquer tipo de evento que tiver na cidade a gente tá fazendo.

E vocês se reúnem para tocar casualmente? assim ensaio também?

Isac - Sim. a gente se reúne as vezes quando tem música nova aí que é para botar no repertório a gente costuma ensaiar em casa e até às vezes quando a gente tá bebendo assim em casa a gente pega os instrumentos passa um sonzinho entre a gente mesmo e caso tenha aniversariante do grupo tipo se eu tiver completando ano a gente se reúne faz um pagodinho só para a gente mesmo e convidados. E assim a gente vai se reunindo aos poucos em casa.

alguém tem algum outro emprego além da música no grupo? ou tem alguém que vive só da música no grupo?

Isac - não acho que aliás todos no grupo eles têm fora a música, fora o grupo eles também têm uns trabalham tem uns que estudam eu no caso já sou motorista particular. a gente só depende só da música não mas dá pra dividir entre a música e o trabalho.